

# LIÇÕES DE MESTRE

MARTINHO LUTERO RICHARD BAXTER  
JEREMIAH BURROUGHS JOÃO CALVINO  
WILLIAM PERKINS JONATHAN EDWARDS  
WILLIAM CAREY WILLIAM WILBERFORCE  
JOHN WESLEY DIETRICH BONHOEFFER

## LIÇÕES DE MESTRE | MARK SHAW

10 *insights* para a edificação da igreja local

TRADUZIDO POR  
JARBAS ARAGÃO



Editora Mundo Cristão  
São Paulo

## LIÇÕES DE MESTRE

CATEGORIA: TEOLOGIA/IGREJA

Copyright © 1997 por Mark Shaw  
Publicado originalmente por InterVarsity Press (Downers Grove,  
Illinois – EUA)  
Todos os direitos reservados

*Título Original em Inglês:* Ten Great Ideas from Church History

*Tradução:* Jarbas Aragão

*Preparação:* Renato Potenza

*Revisão:* Vera Lúcia da Costa

*Capa:* Douglas Lucas

*Diagramação:* Viviane R. Fernandes Costa

*Impressão:* OESP Gráfica S. A.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil), 2ª ed., salvo indicação específica.

A 1ª edição brasileira foi publicada em setembro de 2004, com uma tiragem de 5.000 exemplares.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shaw, Mark, 1949–

Lições de Mestre: 10 insights para a edificação da igreja local / Mark Shaw; traduzido por Jarbas Aragão – São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

Título original: 10 great ideas from church history

Bibliografia

ISBN 85-7325-367-3

1. História da Igreja 2. Teologia pastoral I. Título.

04-5884

CDD-253

### Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia pastoral: Cristianismo 253

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

#### Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antonio Carlos Tacconi, 79 – CEP 04810-020 – São Paulo-SP – Brasil  
Telefone: (11) 5668-1700 – Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1 04 05 06 07 08 09 10 11

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Uma Lição Sobre a Verdade: A Teologia da Cruz de Martinho Lutero.....	17
2. Uma Lição de Espiritualidade: João Calvino e a Vida Cristã.....	47
3. Uma Lição de Unidade: Jeremiah Burroughs e a Teoria Denominacional da Igreja.....	73
4. Uma Lição de Segurança: O Modelo de Conversão e Segurança de William Perkins.....	87
5. Uma Lição de Adoração: As Instruções de Richard Baxter para Termos Prazer em Deus.....	107
6. Uma Lição de Renovação: A Teologia do Avivamento de Jonathan Edwards.....	129

LIÇÕES DE MESTRE

7. Uma Lição de Crescimento: O Conceito de Discipulado de John Wesley.....	157
8. Uma Lição Sobre os Perdidos: O Modelo de Missões de William Carey.....	177
9. Uma Lição de Justiça: O Modelo de Ação Social Cristã de William Wilberforce.....	203
10. Uma Lição de Comunhão: Os Princípios de Comunidade Cristã de Dietrich Bonhoeffer.....	225
Epílogo: Passando da Lição para a Decisão.....	253
Notas.....	267

## INTRODUÇÃO

A cidade de Quincy fica ao sul de Boston, Massachusetts. Localizada entre o mar e a selva urbana de Boston, Quincy ficou famosa por ser a terra natal de dois presidentes americanos. John Adams e John Quincy Adams nasceram e foram enterrados naquela cidade. Assim como muitos municípios da Nova Inglaterra, Quincy está repleta de igrejas históricas. Uma delas, a Primeira Igreja Presbiteriana, foi fundada no final do século XIX, algo bem recente para o padrão da Nova Inglaterra. Essa igreja foi organizada por imigrantes escoceses em 1884.

Durante seus primeiros cinquenta anos de existência, a “Primeira” experimentou um crescimento estável e contínuo. Porém, na década de 1950 os descendentes espirituais dos 62 membros originais haviam chegado a um total de setecentos. O responsável por aquele rebanho durante os “anos dourados” foi o reverendo Roy Schoaf. Durante seu ministério, a igreja era nominalmente cristã, “não distinguível pelo seu zelo extremamente fundamentalista ou evangelístico, nem por nenhum dos vários tipos de liberalismo que dominavam as igrejas tradicionais”.<sup>1</sup>

Tudo isso mudou em 1961, quando Schoaf se aposentou e o reverendo David Muir assumiu como seu substituto. Muir era um

homem sensível às mudanças que ocorriam nos Estados Unidos. Os direitos civis e a revolução cultural deixavam de lado o mundo “romântico” que reinava até então. Contudo, os sermões confrontadores de Muir e sua paixão pela justiça social foram incapazes de mobilizar a igreja e fazê-la agir. Para sua grande surpresa, seu ministério acabou tendo um efeito inverso. A maioria de seus membros começou a sair da igreja, reclamando que seus valores tradicionais haviam sido violados. A redução dos membros logo gerou uma crise financeira, que culminou na saída de Muir em 1964.

Steve Brown se tornou o novo pastor daquela igreja em 1967. Ele encontrou uma congregação profundamente dividida e financeiramente instável. Brown optou por um estilo de ministério bastante diferente de seus dois antecessores. Seus sermões eram recheados de promessas e esperança, em vez de confrontações e críticas. Ele diminuiu a importância da política e enfatizou as verdades do Evangelho bíblico. Uma nova atmosfera de comunidade foi criada e a igreja começou a crescer novamente.

Em seu relatório anual de 1967, Brown registrou seu plano para aquela congregação:

Toda igreja, em algum momento de sua vida eclesiástica, se depara com uma encruzilhada. Uma estrada conduz à mediocridade, à frustração e ao fracasso. A outra leva à grandeza, à satisfação e ao progresso do Reino de Deus. Creio que esse é o nosso momento para tomar uma decisão.<sup>2</sup>

O pastor Brown escreveu as diretrizes para alcançar essa estrada de grandeza, ressaltando os valores cristãos históricos como a crença no Evangelho pela pregação (*kerigma*), serviço (*diakonia*) e criação de uma atmosfera de comunidade (*koinonia*).

Após a saída de Brown, a igreja passou por outra grande crise. Nem todos estavam contentes com a teologia conservadora de seu pastor. Mas em vez de mudar de rumo, os líderes da igreja insistiram em seguir a rota traçada por Brown. Roger Kvam assumiu a igreja em

1974. Durante seu longo pastorado, Kvam deu início a um programa evangelístico agressivo e levou sua igreja ao evangelicalismo, sem nunca criar uma divisão entre os “antigos” (membros antes de Brown) e os “novos” (membros após Brown). Durante toda a década de 1980 e o início da década de 1990, a Primeira Igreja Presbiteriana de Quincy seguiu a estrada antiga de *kerigma*, *diakonia* e *koinonia*. E valeu a pena! Os líderes que decidiram seguir essa “estrada da excelência” ajudaram a igreja a crescer em quantidade e qualidade.

### **As estradas antigas**

Este livro fala sobre seguirmos as estradas antigas — algumas das grandes lições da história da Igreja — que podem ajudar sua igreja a percorrer a “estrada da excelência” hoje. Meu objetivo é ajudá-lo a tomar decisões mais acertadas e se tornar um líder mais sábio. Um dos pressupostos deste livro é que a história pode clarear sua visão e ajudá-lo a enxergar a direção de seu caminho.

Talvez você conheça o antigo provérbio russo que diz: “Quem só olha para o passado perde um olho, mas quem esquece o passado perde os dois”. Pessoalmente, gostaria de manter os meus dois olhos intactos. Certamente você também pensa assim. É difícil ver para onde se vai quando existe algo errado com a visão.

Todo líder cristão precisa manter seus dois olhos em perfeito estado. Acredito que as melhores decisões são tomadas quando estamos com os dois olhos bem abertos. Nas páginas seguintes, escrevi que podemos ser líderes melhores se evitarmos as decisões “cegas” de pessoas que consideram a história algo irrelevante e as decisões “tradicionais” (tomadas somente com um olho aberto), de pessoas que estão aprisionadas pelo passado e se mostram cegas para as necessidades e oportunidades contemporâneas.

Que tipo de líder pode se beneficiar com um livro como este? No meu entendimento, primordialmente os líderes de uma igreja local (pastores, presbíteros, diáconos), sem esquecer dos líderes de



organizações cristãs. Porém, os exemplos de decisões apresentados no final de cada capítulo estão mais voltados para a igreja local.

Você pode estar se perguntando: “De que modo essa análise de algumas situações históricas e idéias do passado me ajudarão a ser um líder mais sábio”? Essa é uma dúvida compreensível. Eu já me perguntei isso muitas vezes ao longo desses anos, enquanto procurava constantemente me tornar um líder melhor. Em minha busca pela resposta, fiz algumas descobertas importantes. Nos capítulos seguintes, gostaria de compartilhar essas descobertas. Cada capítulo aborda uma lição ensinada por grandes líderes do passado. Em resumo, você aprenderá como:

- A teologia da cruz de Martinho Lutero pode aprofundar a fé de sua congregação.
- O modelo de santidade de João Calvino pode combater o cristianismo centrado no “eu”.
- A teoria denominacional da Igreja proposta por Jeremiah Burroughs pode ser um grande incentivo para a unidade de sua congregação.
- A lição de William Perkins sobre a segurança de salvação conquistada pela verdadeira conversão pode vencer os extremos da apatia e da ansiedade dentro da igreja.
- As instruções de Richard Baxter para termos prazer em Deus podem revitalizar a adoração.
- A lição de avivamento de Jonathan Edwards pode proteger a igreja dos ataques do secularismo.
- A estratégia de John Wesley para grupos pequenos pode transformar membros instáveis da igreja em discípulos dedicados.
- O modelo de missões proposto por William Carey pode inspirar homens e mulheres a cumprir a grande comissão.
- O paradigma de ação social cristã criado por William Wilberforce pode guiar os cristãos em sua luta contra os males de nosso tempo.

- A visão de Dietrich Bonhoeffer da comunhão cristã pode unir as pessoas de sua igreja e se opor ao tribalismo e ao individualismo radical da vida pós-moderna.

Pode haver ainda outra dúvida, ou seja, saber se revirar o passado realmente vale a pena. Afinal de contas, não é preciso limpar quilos de poeira acadêmica antes de encontrar algumas gramas de sabedoria? Gostaria de responder essa questão ressaltando que a maioria dos grupos fora da Igreja — como o governo federal, as universidades e as maiores companhias do mundo — gasta uma quantia significativa de dinheiro todo ano para resgatar alguns tesouros do passado. Gostaria de lembrar alguns exemplos.

Há muitos anos, Richard Neustadt e Ernest May, da Escola Kennedy de Governo da Universidade de Harvard, criaram um curso pioneiro, que utilizava a história para falar sobre as decisões na política. Dentro de pouco tempo, o auditório ficou superlotado de “legisladores, chefes de departamento, coronéis, generais, embaixadores e profissionais similares”.<sup>3</sup> A Universidade de Chicago também iniciou um programa de políticas públicas, que mostrava aos líderes como usar a história para aprender a tomar decisões de maneira mais sábia. Os líderes vieram. A escola de urbanismo e gestão pública da Universidade Carnegie-Mellon aproveitou essa onda de interesse pelo valor do estudo histórico e começou a oferecer um curso chamado “Perspectivas Históricas de Problemas Urbanos”. A escola Harriman de Urbanismo e Gestão Pública (que faz parte da Universidade Estadual de Nova Iorque) oferece um curso similar. A história está falando, e os líderes políticos ouvem atentamente.

O mundo dos negócios também desperta para o valor da história na tomada de decisões. O Instituto de Graduação da Rand Corporation, na Califórnia, oferece um curso sobre “os usos da história” aos alunos de Ph.D. que dedicam tempo aos projetos da Rand. Escolas de negócios captaram a mensagem. O programa de MBA da escola de graduação em administração da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, inclui um curso sobre o uso da história no processo de tomada de decisões.

Infelizmente, muitos líderes cristãos ainda não descobriram o valor que a história possui em nos ajudar a tomar decisões. Durante muitos anos, ministrei cursos sobre como usar a história para tomar decisões tanto no seminário quanto na universidade. Meus alunos, e muitos deles são líderes de igrejas, ficaram entusiasmados com o valor da história cristã. Eles se perguntam por que as igrejas e organizações cristãs (incluindo a sua própria) geralmente falham em lembrar da história quando precisam tomar decisões. Esses alunos estão acostumados a ver as decisões sendo tomadas na igreja de uma maneira essencialmente pragmática — reações temerosas perante a “crise do momento” ou a pressão para apresentar uma resposta rápida. As decisões baseadas em princípios ou em uma visão maior são relativamente raras hoje em dia.

### **Decisões baseadas em princípios**

Alguns gurus do gerenciamento como George Barna (*O Poder da Visão*) e Stephen Covey (*Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*) ressaltam os benefícios existentes a longo prazo (e também a curto prazo) quando baseamos nossas decisões em princípios e idéias. Barna pede que os líderes usem a visão como base para as suas decisões, não o pragmatismo sem princípios:

Os pastores que buscam ativamente cumprir a visão de Deus quanto ao seu ministério, são tesouros para a igreja. São pastores não impulsionados pela necessidade de auto-engrandecimento ou gratificação do próprio eu, mas por um requeimado desejo de ver a vontade de Deus ser cumprida de modo pleno [...] Suas igrejas conseguem realizar algo singular, significativo e especial, pois o Espírito Santo os tem capacitado a compreender uma imagem do futuro, mapeando-o e traçando um curso de ação que leve àquele alvo.<sup>4</sup>

O tipo de liderança visionária que Barna descreve, contudo, parece ser orientada para o futuro, não para o passado. A história da Igreja é

relevante para o líder visionário? Barna responde a essa questão de maneira direta:

Uma tradição é usualmente reflexo do passado. A visão, por sua vez, é sempre um reflexo do futuro. Haverá algum espaço para o casamento entre uma tradição assim e a visão espiritual? Absolutamente não! Visto que Deus é aquele que criou e reinou sobre o passado, agora ele pode utilizar-se da História para servir aos seus propósitos na sua vida e no seu ministério [...] Deus há de usar o seu passado a fim de aprimorar o seu futuro.<sup>5</sup>

Deus pode usar a história para melhorar o seu futuro. Na verdade, uma outra premissa deste livro é o poder de Deus em usar o passado para moldar um futuro melhor, usando para isso as boas decisões do presente.

Nos próximos capítulos veremos algumas das lições mais importantes dos últimos quinhentos anos de história da Igreja. Eu poderia escolher lições que surgiram nos primeiros séculos, mas acredito que as dez idéias selecionadas são as mais proveitosas para os líderes cristãos contemporâneos. Não examinarei apenas o modo como cada uma dessas idéias gera a visão, mas também sugerirei algumas decisões que podem resultar dessa visão. As dez lições foram tiradas da vida e dos escritos de reformadores (Lutero e Calvino), avivalistas (Wesley e Edwards), ativistas sociais (Wilberforce e Bonhoeffer), pastores e pioneiros (Baxter, Perkins, Burroughs e Carey). Antes de selecionar as idéias que poderiam nos ajudar a tomar decisões melhores, fiz um teste usando duas perguntas: (1) Essa lição (ou modelo) está profundamente baseada na Bíblia?; (2) Esse modelo (ou lição) deixou um registro histórico mais eficaz na edificação de cristãos e igrejas?

Cada capítulo descreverá um líder e a situação que ele enfrentava. Depois, explicará melhor a idéia central que essa pessoa descobriu ou articulou. Além disso, apresentarei algumas sugestões de como essa idéia pode ser aplicada na igreja hoje em dia e os tipos de decisões

que ela pode gerar. Algumas questões para reflexão e debate foram colocadas ao final de cada capítulo, a fim de ajudar você na assimilação da idéia e no lado prático de sua implementação.

### **Agradecimentos**

Antes de iniciarmos o nosso estudo, quero expressar minha gratidão por aqueles que ajudaram esse projeto em questões cruciais. Uma vez mais sou devedor aos estudantes que se dispuseram a ser “cobaias” tanto dessas idéias quanto da abordagem deste livro. Meu muito obrigado aos alunos do Seminário Teológico Gordon-Conwell, Seminário Batista Conservador do Leste, Faculdade de Teologia Evangélica de Nairobi e Faculdade Teológica Scott. Agradeço também aos queridos amigos Karl e Debbie Dortzbach, que fizeram este livro surgir quando convidaram a mim e minha esposa Lois para fazermos um “retiro literário” em sua casa. Cindy Bunch-Hotaling, da IVP, que se tornou a editora de meus dois livros, passei a depender profundamente do seu bom-senso e conselhos sábios. Dois professores da Faculdade Wheaton; Timothy Beougher e Mark Noll, que me encorajaram com sua disposição para ler os capítulos selecionados. Três grandes amigos que também são grandes pastores leram e criticaram este trabalho em sua forma manuscrita. Meus agradecimentos, então, aos reverendos Irfon Hughes, Tom Kenney e Ron Sylvester, que fizeram comentários honestos de grande valia.

Uma menção especial deve ser feita a Lois, minha esposa, que acreditou neste projeto desde o seu início, algumas vezes mais do que eu mesmo. Não posso deixar de lembrar de dois dos melhores filhos da história da Igreja; Anne Bradstreet Shaw e Jonathan Edwards Shaw. O dom desses dois de provocar riso em nossa casa ajudou seu pai, às vezes um tanto carrancudo, a não levar a si mesmo muito a sério.

Bem, chega de preliminares. A melhor maneira de mostrar como esse processo de tomada de decisões funciona é simplesmente analisar

## INTRODUÇÃO

uma dessas grande lições e retirar dela todo seu potencial para nos ajudar a sermos líderes melhores. Voltemos nossa atenção para Martinho Lutero, o grande reformador, que possuía algumas idéias sobre como era essa “estrada para a excelência”.



## UMA LIÇÃO SOBRE A VERDADE: A TEOLOGIA DA CRUZ DE MARTINHO LUTERO

*M*inha esposa Lois e eu éramos novos na cidade. Aquela era a nossa primeira visita à igreja. Tratava-se de uma igreja evangélica conservadora bem estabelecida na comunidade. Nos primeiros dois domingos, sentimos uma vibração e um calor impressionantes durante o período de adoração. Aquele louvor era tão animado que também criamos grandes expectativas para a classe de adultos da escola bíblica dominical.

A aula começou bem e o professor era muito amigável. Sentamos ao lado de George e Jane, membros da igreja que estavam ativamente envolvidos no ministério evangelístico. Eles também foram muito gentis. Nosso professor manteve a conversa animada, propondo algumas ilustrações. As histórias contadas por ele geraram discussão, tanto que ele nem chegou a expor a passagem bíblica naquela manhã. As pessoas comentavam e interagiam bastante. Era como se elas precisassem apenas de uma chance para falar sobre os seus problemas.

Quando voltamos para a aula, no domingo seguinte, aconteceu a mesma coisa. Um longo tempo foi dedicado para o compartilhamento e as opiniões pessoais. Não houve tempo para a Bíblia. Faltando cerca de dez minutos para o final da aula, o professor leu um capítulo de 1 Coríntios e perguntou o que achávamos.



## Jane se pronunciou

— Não acredito nessa passagem. Acho que Paulo estava confuso quando escreveu isso. Eu não deixaria meus filhos lerem isso.

Ficamos alguns minutos em silêncio para assimilar as palavras de Jane. O professor também não disse nada.

Embora eu fosse novo ali, decidi que alguém deveria se pronunciar. Procurando ser gentil, fiz alguns comentários sobre a inspiração, a autoridade e a confiabilidade das Escrituras. Os outros não prestaram muita atenção. Meus comentários aparentemente não tiveram efeito.

A aula chegou ao fim. Conversamos sobre amenidades com George e Jane enquanto saíamos. Para ser honesto, considerando a reputação daquela igreja, eu ainda estava um pouco chocado com as palavras ditas por Jane. Fiquei pensando se estávamos no lugar certo. As pessoas daquela congregação levavam suas Bíblias para a igreja, mas pelo menos alguns deles deixavam sua teologia em casa. Não tinha muita certeza se voltaríamos no domingo seguinte.

## Em busca de conhecimento bíblico

Estou certo de que Jane não é a única a pensar assim. Em muitas igrejas evangélicas espalhadas pelo país, o nível de conhecimento teológico e a clareza doutrinária parecem cair mais rápido que alguém saltando de *bungee jump*. Um relatório apresentado pelo Grupo Barna em 1994 comprova esse declínio nas crenças evangélicas dos americanos. Barna descobriu que a porcentagem de pessoas que aceitavam a inerrância da Bíblia, a soberania de Deus e a necessidade de novo nascimento pela fé em Cristo caiu de um percentual estimado em 12%, em 1992, para apenas 7%, em 1994. “O movimento dos números”, concluiu Barna, “sugere que podemos ver um decréscimo contínuo do número de evangélicos em um futuro imediato, a menos que ocorra um derramamento milagroso do Espírito de Deus sobre o povo de nossa terra”.<sup>1</sup>

Talvez o leitor saiba que nas décadas de 1970 e 1980 houve um debate evangélico sobre a Bíblia. Para muitos foi uma evidência de que os americanos ainda se preocupavam com a verdade bíblica. David Wells comentou a questão, lembrando a grande ironia existente: “Enquanto a natureza da Bíblia estava sendo debatida, a própria Bíblia estava silenciosamente caindo em desuso na Igreja”.<sup>2</sup> A mente consumista não invadiu apenas a Igreja, mas também influenciou a nossa teologia. Um cristianismo “terapêutico” que me ajuda a criar meus filhos, renovar minha vida sexual e desenvolver todo o meu potencial substituiu o cristianismo mais antigo e doutrinário, que se preocupava com questões relativas a Deus, ao pecado, à salvação e à cruz. Conforme sugeriu um livro lançado nos Estados Unidos, na década de 1990, é cada vez menor o lugar para a verdade na Igreja.

Por onde devemos começar nossa busca pela renovação teológica na Igreja? “Nos últimos tempos”, escreveu o historiador Mark Noll, “a maior esperança para o pensamento evangélico está no centro da mensagem evangélica: a cruz de Cristo”.<sup>3</sup> Os líderes que desejam ver sua igreja crescer precisam redescobrir a cruz. Embora o pensamento evangélico contemporâneo seja útil para promover o crescimento da Igreja, a ação social cristã, as missões mundiais e a renovação da adoração, o canal estreito do sucesso a longo prazo de uma igreja se resume a um comprometimento renovado com a mensagem da cruz.

Aparentemente, isso é loucura. Dizer que a percepção da cruz tem um poder de renovação maior que a ação evangelística ou o *marketing* direcionado é o tipo de escândalo que Paulo descreveu em 1 Coríntios 1:27: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes”. Conforme G. K. Chesterton sugeriu certa vez, um diagrama correto da mente cristã não deveria ser um círculo que engloba tudo em um sistema, mas uma cruz que, a partir de um paradoxo central, desloca-se em todas as direções para que possa lançar luz sobre todos os aspectos da realidade. A cruz realmente é a base para todas as decisões que os líderes devem tomar, conforme veremos neste livro.

Compreender o poder e a importância da cruz em relação a todas as áreas da vida é a chave para que haja saúde e plenitude na Igreja de Cristo durante um logo tempo. A decisão mais importante que um líder pode tomar é revelar o significado total da cruz.

Nenhum personagem histórico entendeu melhor e mais profundamente o poder da cruz que Martinho Lutero, o reformador do século XVI. A revolução teológica de Lutero algumas vezes se resume pela frase “justificação somente pela fé”. Mas nem sempre valoriza-se o fato que a percepção da cruz de Lutero vai muito além de seu poder para salvar, pois inclui seu poder para nos ajudar a *ver*. Alister McGrath, um teólogo de Oxford, definiu a teologia da cruz de Lutero como “uma das compreensões mais poderosas e radicais da natureza da teologia cristã que a Igreja já conheceu”.<sup>4</sup>

Se a vida e o ministério parecem um mistério para você, a cruz oferece uma resposta. O antigo enigma da cruz pode resolver os novos enigmas de nossa existência fragmentada neste mundo moderno. Assim como uma bússola, a teologia da cruz de Lutero aponta para o progresso que de outra maneira poderíamos ignorar e rejeitar.

Mas de que maneiras a morte de Cristo oferece soluções para líderes confusos e cristãos igualmente confusos? O que Lutero queria dizer com “teologia da cruz”? Como os líderes podem aplicar essa percepção hoje? Em seguida, analisaremos essas questões.

### **A vida de Lutero**

Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em um período em que a paixão pela verdade perdia sua força e as pessoas pareciam cada vez mais entediadas com o Evangelho. O cristianismo europeu estava em perigo. Três eram seus problemas mais sérios: cristãos inquietos, igrejas mundanas e reformadores moralistas.

Timothy George chamou o século XVI de “uma época de ansiedade”. Essa ansiedade possuía três aspectos. O medo das doenças e da morte gerava uma ansiedade *física* (ôntica). O medo da culpa e da condenação e as respostas inadequadas da Igreja a esses terrores

produziram uma ansiedade *moral*. O medo de que a vida não tivesse sentido nem propósito gerava uma profunda ansiedade *existencial*. No século XVI e durante o final da Idade Média existia uma obsessão mórbida pela morte. O prospecto de punição no fogo do purgatório e do inferno aumentava o sentimento de culpa e de condenação das pessoas. O medo da anarquia e do caos aliado ao temor de um apocalipse iminente levantavam inúmeras questões sobre o sentido e o propósito da vida.

A resposta da teologia popular a esses terrores era simples: esforce-se ao máximo e espere pelo melhor. A libertação das ansiedades dessa era não vinha primariamente por Cristo, mas pelos esforços da própria pessoa. Mas o quanto seria o suficiente? Que nível de perfeição uma pessoa precisava alcançar para receber a graça divina que tiraria uma alma ansiosa do abismo do medo? O cristão típico do final de Idade Média encontrava pouca ajuda para lidar com essas ansiedades. Os cristãos eram nervosos, e suas ansiedades cresciam continuamente.

A Igreja a que esses cristãos ansiosos recorriam estava mal equipada para confortar essas almas atribuladas. Nas classes mais altas, um sentimento crescente de secularização minava a Igreja e as estruturas paraeclesiais (escolas, ordens monásticas, ministérios e outras). Leão X (1475-1521) simboliza essa atitude. Ele foi eleito papa em 1513. Filho de Lourenço de Médici, o Magnífico, Leão era sincero em sua fé, mas as áreas em que apresentava as maiores fraquezas eram finanças e política. Leão gastava grandes somas patrocinando artes, música e teatro, e o dinheiro do papado estava acabando. Para financiar seu projeto mais extravagante, a basílica de São Pedro em Roma (incluindo a capela Sistina), Leão resgatou a prática de cobrar indulgências (receber dinheiro para reduzir a estada de uma pessoa no purgatório), o que precipitou a Reforma Protestante. Ele excomungou Lutero em 1520, mas nunca analisou a profundidade do protesto de Lutero ou a extensão de seu impacto. Para Leão, o único problema real na Igreja era a falta de dinheiro. Esse papa também fazia política com o objetivo de aumentar o poder secular do papado. A situação era praticamente a

mesma em toda a sociedade da época. Todos os líderes da Igreja, desde os grandes até os mais humildes, caíam em três tentações muito comuns: dinheiro, sexo e poder.

Muitos procuravam reformar a Igreja para vencer os abusos de dinheiro, sexo e poder, e assim suprir as necessidades dos fiéis ansiosos. Numerosas curas para as mazelas da Igreja eram oferecidas. Desidério Erasmo (1466 ou 1469-1536), o erudito mais famoso de seus dias, representava as pessoas que pediam uma reforma moral e espiritual. Influenciado pelos irmãos da vida comum, um movimento pietista que enfatizava a imitação de Cristo, Erasmo escreveu um grande número de obras populares e eruditas para tratar da moral decadente da Igreja e da sociedade. Os mais notáveis desses trabalhos foram *A Inquirição* (1501), o *Elogio da Loucura* (1509) e a edição pioneira do Novo Testamento em grego (1516). Erasmo e os humanistas clamavam por um estudo novo das Escrituras e dos pais da Igreja. Eles falavam contra abusos como as indulgências. Mas Erasmo e seus companheiros reformadores não conseguiram ver que os problemas da Igreja e da sua era resumiam-se à questão da verdade, que tinha suas raízes na teologia. Um tipo diferente de reformador era necessário. Alguém que não apenas podasse os ramos, mas que pudesse atacar a raiz.

Durante os seus anos como estudante, Martinho Lutero demonstrou pouca preocupação por esses problemas ou as suas possíveis soluções. Ele entrou na Universidade de Erfurt para se tornar advogado e ajudar seu pai, Hans, no pequeno negócio de mineração da família. Quando Lutero se formou na Universidade, em 1505, fez uma festa para seus amigos em um bar local para comemorar. Para o espanto de seus companheiros de bebedeira, Lutero anunciou que não iria exercer o direito, pois decidira ir para um monastério.

Seus amigos, a princípio, riram, pensando que aquela era apenas outra piada de seu alegre ex-colega de turma. Mas Lutero falava muito sério. A experiência que tivera com um raio que quase o matara durante uma tempestade, algum tempo antes, servia para lembrá-lo de sua mortalidade. Ele prometera a Santa Ana que se tornaria um monge se ela poupasse a sua vida. Suas orações foram atendidas e Lutero

pretendia pagar sua promessa. Ele foi para um monastério agostiniano em Erfurt, em que procurou descanso para sua alma atribulada.

Mas o descanso que Lutero buscava parecia fugir dele. Ele desejava ter certeza de sua salvação, porém nenhuma quantidade de exercício religioso ou disciplina parecia ser suficiente para acalmar a sua consciência atribulada. Lutero rapidamente esgotou todos os meios católicos conhecidos para a obtenção da graça e viu que eles eram insuficientes. Nenhuma segurança plena poderia ser dada. As ansiedades morais, físicas e existenciais de sua época eram grandes demais para a versão do Evangelho ensinada no final da Idade Média.

Johannes Staupitz, o superior de Lutero no monastério, ficou preocupado com a ansiedade de seu colega e sugeriu que Lutero parasse de olhar para si mesmo e olhasse para a Bíblia. A partir de 1510, Lutero passou a ser um aplicado estudioso das Escrituras. Seu esforço foi tão grande que ele acabou nomeado professor de Bíblia na Universidade de Wittenberg, uma pequena escola com sessenta alunos e pouca reputação ou futuro.

Em algum momento entre 1514 e 1516, enquanto fazia seus estudos do Livro de Salmos e de Romanos, Lutero “descobriu” que somos justificados somente pela fé, ou seja, Deus nos declara perfeitamente justos aos seus olhos, sem levar em conta a nossa condição atual (que seria insuficiente). Com base apenas na perfeição do sacrifício de Jesus, que é colocada sobre nós e que recebemos como herança, somos considerados justos aos olhos de Deus. Em outras palavras, pagamos nossas contas com Deus por meio da fé no que Cristo fez, e não com base naquilo que fizemos.

Para um monge esgotado espiritualmente, que vivia em uma época contaminada pela ansiedade mal resolvida, a verdade da justificação pela fé parecia ser uma cura milagrosa. Lutero escreveu que, quando entendeu que a justiça de Cristo é imputada (transferida) sobre nós, os “portões do paraíso” pareciam se abrir diante de seus olhos.

Lutero agiu rapidamente e decidiu compartilhar sua descoberta com os demais cristãos nervosos da Europa. Ele pregou suas “Noventa e Cinco Teses” (protestando contra a cobrança de indulgências e o

afastamento da verdade pela Igreja) na porta da igreja do Castelo, em 1517, dando início à Reforma Protestante. Lutero travou debates públicos acirrados com João Eck em 1519, na cidade alemã de Leipzig. Em 1520, desafiando a excomunhão papal que recebera, Lutero escreveu seus magníficos tratados que incitaram a Reforma: *Do Cativo Babilônico da Igreja*, *Apelo à Nobreza Cristã da Nação Alemã* e o mais bombástico de todos, *Da Liberdade do Homem Cristão*. “Aqui estou!”, bradou ele em 1521, enquanto desafiava o santo imperador de Roma Carlos V, recusando-se a negar a sua nova descoberta. As explosões o seguiram até a sua morte, em 1546 — explosões espirituais que revolucionaram a Europa e tiveram grande impacto em todo o mundo conhecido —, e continuam ecoando em nossos ouvidos até hoje.

### **Paradoxo e a teologia da cruz**

Em contraste com os anos “de fúria” da vida de Lutero, 1518 parece ter sido um sussurro silencioso e ignorado. Quando contamos a história de Lutero, é fácil passarmos despercebidos pelo que ocorreu naquele ano, mas isso seria um grande engano. Durante a convenção dos monges agostinianos em Heidelberg, em 1518, Lutero pronunciou as palavras que têm periodicamente sacudido a igreja desde então. Seus pensamentos eram uma meditação ampliada do texto de 1 Coríntios 1:25: “Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”. Lutero sabia que as idéias de Paulo sobre a cruz ofereciam uma percepção completamente nova de Deus.

Lutero também descobriu que a chave para entendermos a verdade bíblica à luz da morte de Jesus é que Deus agora fala por meio de um *paradoxo*. Paradoxo é uma declaração que parece ser contraditória, mas na realidade apresenta uma verdade profunda. Por exemplo, Cristo disse quem acha sua vida perdê-la-á; (Mt 10:39). Para a maioria de nós, isso parece confuso. Mas está claro o que Jesus queria dizer. Para encontrar a vida verdadeira, devemos abrir mão de nossa independência e entregar nossas vidas a ele.

Preste muita atenção. *Se eu quero entender a Bíblia hoje, preciso aprender a pensar usando paradoxos.* A teologia cristã falha quando utiliza apenas a lógica linear. O caminho para a verdade suprema é como uma estrada que sobe a montanha, cheia de curvas e com um vento incessante. A percepção que Lutero tinha da cruz ilustra a maneira como devemos pensar, se realmente desejamos entender a verdade das Escrituras. O paradoxo presente nos pontos que examinaremos a seguir é de que Deus faz as coisas usando o seu oposto. Ele faz algo surgir a partir do nada. Ele ganha quando perde. Ele nos exalta quando nos humilhamos. Ele transforma as sextas-feiras da paixão em domingos de Páscoa. Ele age de maneira oposta ao que a humanidade espera, segundo a lógica, que um Deus onipotente agiria.

Lutero ajudou a restaurar o amor pela verdade bíblica ao colocar a cruz de Cristo no centro da teologia cristã. Durante séculos, a teologia medieval tentou conciliar a filosofia grega com a teologia genuinamente cristã. O estado doentio da Igreja fez Lutero ver que essa tentativa havia fracassado. Enquanto estudava as epístolas de Romanos e Coríntios, ele descobriu um fato surpreendente: Deus trabalha usando opostos. A única salvação segura é aquela que renuncia às obras. A força de Cristo foi revelada na morte de Cristo. Quando estamos fracos é que somos fortes. Lutero viu que o Evangelho estava recheado de paradoxos.

Se não entendermos essa idéia central do paradoxo divino, Lutero não fará sentido para nós e, o mais importante, as verdades mais profundas da Bíblia estarão fora do nosso alcance. Portanto, fique firme quando se deparar com os paradoxos da mensagem da cruz e não desista. As reviravoltas podem ser drásticas, mas elas nos levarão ao alto da montanha, de onde teremos uma nova visão da verdade.

## O paradoxo de Deus

Voltemos a Heidelberg. Olhando para o texto de 1 Coríntios 1:25 como um garimpeiro à procura de ouro, as palavras de Lutero se assemelhavam a pepitas para aquela assembléia solene de monges.



Ele descreveu a teologia da cruz que ofereceu uma nova maneira de ver a salvação, Deus, a realidade, o sofrimento, a igreja e a própria teologia. Qual era a essência dessas coisas?

“Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1 Co 1:25). A partir desse verso e de seu contexto, Lutero apresentou muitas propostas que entendia serem capazes de atingir o centro do mistério de Deus e da perdição da humanidade. Naquela ocasião, ele proferiu um discurso que passou a ser conhecido como o “Debate de Heidelberg”, em que apresentou várias teses diante dos religiosos ali reunidos.

O que a cruz nos diz a respeito de Deus? Essa é pergunta que Lutero fez e que também deveríamos fazer. Mas Lutero não chegou ao cerne de sua resposta tratando da “pergunta sobre Deus”, até que chegou em sua 19ª tese. Se algum daqueles monges agostinianos estava cochilando enquanto as 18 primeiras foram lidas, Lutero acordou a todos quando leu a próxima.

Ele começou atacando a maneira como falamos sobre Deus. “Não pode ser chamado de teólogo” aquele que descreve a natureza de Deus e seus atributos “com base nas coisas que foram criadas”. O que há de errado em falar sobre Deus conforme nossas observações sobre a vida e a natureza? “O conhecimento de todas essas coisas”, insistiu Lutero, “não torna ninguém nem digno nem sábio”.<sup>5</sup> Isso equivale a dizer que as especulações sobre Deus baseadas em dias de sol ou em sistemas solares não mudam os nossos corações. Idéias arrogantes, por mais belas ou impressionantes que sejam, não podem salvar as nossas almas.

Lutero chamou toda teologia baseada em especulação humana e em teologia natural de “teologia da glória”. Existem vários tipos de teólogos da glória. Um professor de escola bíblica dominical de sessenta anos ou um anjinho de seis anos de um presépio vivo podem ser agentes dessa teologia que faz tanto mal às nossas almas. Paul Althaus, um erudito especializado em Lutero, escreveu: “A teologia natural e a metafísica especulativa que procuram conhecer a Deus pelas obras da criação estão na mesma categoria que as obras de justiça dos moralistas”.<sup>6</sup> Em outras palavras, falar sobre Deus com

base primariamente no que pensamos sobre suas obras gera o orgulho dentro de nós. Essa teologia da glória “leva o homem a ficar perante Deus e propor uma barganha baseada em suas conquistas éticas em cumprir a Lei”.<sup>7</sup> A teologia ou o louvor feitos de maneira errada podem gerar uma praga, o orgulho espiritual — algo que Deus odeia.

Qual é a alternativa? Nós precisamos falar sobre Deus e pensar sobre a sua glória como se fôssemos adorá-lo e servi-lo. O que Lutero sugere que façamos? Essa maneira de pensar e falar sobre Deus que conduz a uma vida espiritual intensa e evita o orgulho espiritual mortífero é bastante estranha. Lutero nos diz isso firmemente em sua tese número 20: “Antes, só pode ser chamado, com justiça, teólogo quem apreende as coisas visíveis e escondidas de Deus a partir da paixão e da cruz”. Qual é a o lado visível de Deus? “Essas partes visíveis são a humanidade de Deus, sua fraqueza e sua loucura”.

Por que o nosso Deus glorioso e todo-poderoso deseja ser entendido em termos de fraqueza e loucura? Como podemos adorar a um Deus tomado pela loucura? A resposta de Lutero parece dolorosa: “Pelo fato de os homens usarem errado o conhecimento de Deus que eles obtiveram por suas obras, Deus determinou que seria conhecido pelos sofrimentos”.<sup>8</sup> Por que os sofrimentos existem? Porque não nos beneficiamos de nosso conhecimento natural de Deus (“penso que Deus é desse ou daquele jeito”), a menos que ele seja conhecido “na humilhação e na vergonha da cruz”.

A maneira correta de entender Deus é olhar para a cruz e não meditar sobre a Via Láctea, pois ela nos confronta com duas verdades que de outra maneira não iríamos encarar: primeiro, somos inimigos de Deus; e segundo, Deus amou os seus inimigos em Cristo. Conhecer a Deus pela fraqueza e a loucura da cruz nos humilha, porque foi a nossa fraqueza, a nossa loucura e a nossa vergonha que Deus carregou sobre si quando subiu na cruz. Deus na cruz se torna um retrato apropriado da humanidade como ela verdadeiramente é; fraca, impotente diante da morte, mas ainda sob o julgamento da morte. Nossos pensamentos arrogantes sobre Deus se transformam em um

jogo sujo, no qual procuramos tomar o lugar de Deus. Por isso, a aparência de Deus como um tolo derrotado é como um jogo, onde ele dá vida em lugar da humanidade caída. A cruz é um microscópio que localiza Deus no emaranhado de nossa pecaminosidade fraca e tola e seu amor vulnerável e imerecido para esses inimigos. Conhecer a Deus pela cruz é conhecer o nosso pecado e seu amor redentor.

Mas esse tipo de conversa sobre Deus não beira a blasfêmia? Como podemos apresentar imagens de um Deus tão fraco e louco e continuar a adorá-lo? Lutero proclamou que a glória de Deus é ampliada, não diminuída, quando pensamos e falamos sobre ele nos termos da crucificação. Como? “Deus mostra que ele é Deus”, explica Althaus, “precisamente no fato de que ele é poderoso na fraqueza, glorioso na humilhação, vivo e vivificado na morte”.<sup>9</sup> Somente Deus é grande o suficiente para ganhar perdendo. Somente Deus é amoroso o suficiente para amar o que não pode ser amado. Somente Deus é eterno o suficiente para ser tragado pelo tempo e pela morte e ainda sobreviver para contar como foi. A cruz intensifica o rei divino que bancou o louco para acabar com a loucura do pecado e da morte.

O que toda essa conversa sobre a loucura e a fraqueza de Deus significa para nós? Significa que tudo o que dizemos sobre Deus na adoração e na pregação deveria ser moldado pelo vocabulário da cruz. Como pecadores, não temos o direito de adorar os atributos de Deus como santidade, infinitude e soberania até que nos quebrantemos e nos arrependamos diante de seu amor, que custou tão caro quando foi proclamado na cruz. A adoração ou a pregação que faz as pessoas sentirem-se bem consigo mesmas ou satisfeitas com suas palavras e pensamentos arrogantes sobre Deus é uma adoração da glória que condena nossa alma e nos separa de Deus. Mas a adoração e a pregação que consideram em primeiro lugar o paradoxo da derrota aparente do Rei dos reis na Sexta-feira Santa serão resuscitadas para ter uma nova vida pascal.

Desse modo, Deus jamais deve ser conhecido pelas circunstâncias. As circunstâncias freqüentemente são confusas e, algumas vezes, negativas. Não iremos entendê-lo a menos que procuremos por Deus

onde ele está mais escondido — nas sombras escuras da fraqueza aparente e da derrota que envolvem a morte de Cristo na cruz.

### O paradoxo da salvação

O mundo está cheio de religiões que desejam construir escadas para que a humanidade possa subir até Deus. O cristianismo, invejando as conquistas e a força das religiões rivais, pode ser seduzido a seguir o mesmo caminho e se transformar em uma religião de boas obras e análises de desempenho dos fiéis.

O sistema de salvação medieval que Lutero herdou, quando ainda era um jovem sacerdote, tentou fazer esse tipo de reformulação. Gabriel Biel, um teólogo do século xv cujos ensinamentos sobre a salvação influenciaram a geração de Lutero, falou sobre a “centelha de Deus” dentro de cada pessoa. Se fizermos o melhor que pudermos, continuava o ensinamento, Deus soprará essa centelha de divindade dentro de nós, e a cada dia ficaremos mais cheios de santidade e amor.

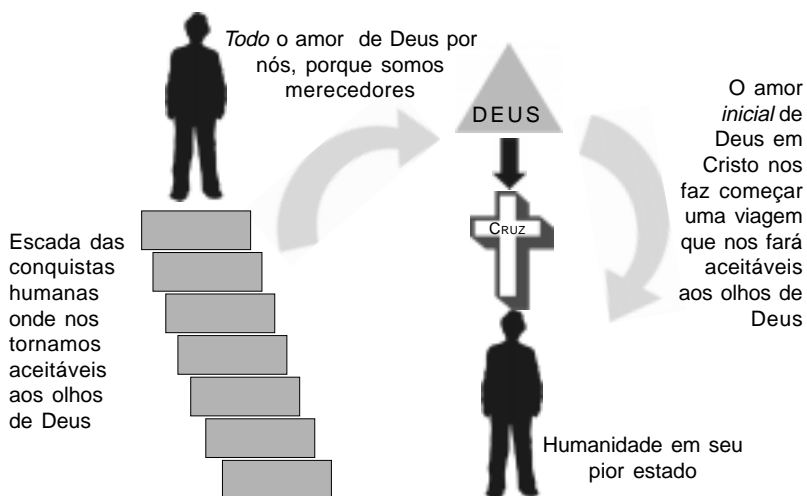


Figura 1. A compreensão medieval de que a cruz havia conquistado apenas a salvação e a união parcial com Deus

Segundo este esquema, pela graça e boas obras poderemos subir a escada da conquista religiosa e moral até o ponto em que Deus ficará tão impressionado com nosso desempenho que nos declarará justos e nos recompensará com o dom da vida eterna no céu (assim evitamos os tormentos do purgatório — veja a figura 1). Se conseguirmos subir essa escada, o sacramento da penitência estará lá para nos segurar. A confissão a um padre, aliada ao medo da punição, é o suficiente para garantir que o penitente suba outro degrau dessa escada.

Esse sistema de “subir a escada” fracassou para Lutero. Por mais que tentasse, sempre acabava machucado e cansado ao pé da escada, irado com Deus e desesperado pela sua salvação. Porém, uma nova compreensão da cruz mudou isso tudo (veja a figura 2). O amor de Deus por nós é demonstrado quando Cristo subiu essa escada das conquistas religiosas e morais em nosso lugar, depois se encontrou conosco em nosso estado de pecado, ira, derrota e juízo e tomou o nosso lugar. O amor redentor de Deus é dado no início da escada, para os peregrinos aleijados, e não no alto da escada, para os super-heróis espirituais. A cruz é, portanto, um paradoxo: Deus rejeita os

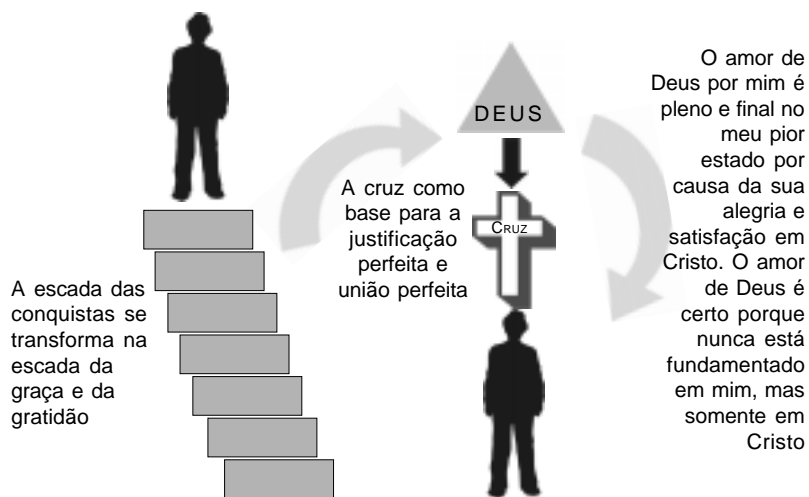


Figura 2. A revelação evangélica de Lutero: a cruz como uma nova maneira de ver a salvação

orgulhosos, mas dá graça aos humildes; ele rejeita os belos heróis e derrama ser amor justificador sobre os feios fracassados. O pecador no início da escada precisa apenas crer para que possa ser liberto.

Lutero estava tão entusiasmado com esse aspecto da teologia da cruz que se dedicou a essa área com mais afinco. “Cristo, que é percebido pela fé”, disse ele ao seu público formado por monges agostinianos, “é a justiça cristã. Por causa dele Deus nos fez justos e garantiu a nossa vida eterna”. Os cristãos são justificados diante de Deus, portanto, apenas quando abrem mão de sua própria justiça.

A teologia da cruz, aplicada à questão da salvação, transformou o meu entendimento. A morte de Cristo é a conquista que me salva, não os meus passos atrapalhados nessa escada da salvação. A menos que eu viva pela fé na conquista dos eventos ocorridos na Sexta-feira da Paixão e comprovada pelas surpresas do Domingo de Páscoa, jamais entenderia como Deus pode justificar e aceitar como seu filho um pecador que merece a maldição, e não sua benção. Mas quando aprendo a ver Deus e sua salvação na perspectiva da cruz, vejo as coisas de uma maneira diferente.

O princípio da cruz é que Deus faz as coisas de maneira surpreendente e contraditória. Para inspirar o nosso louvor, ele usa as vestes engraçadas da fraqueza e da loucura. Para fazer tudo, ele parte do nada. Para livrar os pecadores, decide ser derrotado por eles.

Quando me acostumo a essa maneira *esquisita* de ver as coisas, a salvação se torna clara e maravilhosa. Posso estar seguro de que sou justo aos olhos de Deus, porque ele também é *esquisito*, pois me vê segundo a morte vicária de seu filho. Por esse motivo, posso ter confiança no amor de Deus quando perco toda a confiança em meu próprio amor. Posso estar cheio de alegria em Deus, mesmo quando fico desesperado ao olhar para mim mesmo.

O que isso tudo significa para nós? A teologia da cruz deveria mudar o nosso modo de ver a salvação. Se desejamos que nossas igrejas abriguem corridas pela superioridade moral e espiritual, podemos silenciar a teologia da cruz enquanto tentamos subir a escada da justiça própria. Todavia, se queremos encher nossas igrejas de pessoas

que brilhem com a glória, gratidão e confiança inabalável no amor e na aceitação por parte de Deus, devemos ensinar essa teologia da cruz e a estranha maneira de Deus fazer pecadores quebrantados se tornarem santos completos.

### **O paradoxo da realidade**

As primeiras 21 teses apresentadas por Lutero em *Heidelberg Disputation* levaram a cruz a uma nova direção. “A teologia da glória”, declarou ele, “diz que o bom é ruim e o ruim é bom”. Em contraste, “a teologia da cruz” denomina as coisas “como elas realmente são”.<sup>10</sup> Do que Lutero estava falando?

O raciocínio de Lutero seguia uma determinada lógica. Para ele, os teólogos da glória, além de entender mal Deus e a salvação, pois não conseguiram ver as coisas pela perspectiva da cruz, também distorceram o restante da realidade, avaliando tudo de maneira errada. Paul Althaus explica o pensamento de Lutero:

A verdadeira realidade não é o que o mundo e a razão pensam que ela é. A verdadeira realidade de Deus e de sua salvação é “paradoxal” e oculta nos seus opostos. A razão não é capaz de entender nem de experimentar isso. Julgada pelos padrões da razão e da experiência, ou seja, pelos padrões deste mundo, a verdadeira realidade é irreal e seu exato oposto é real. Somente a fé pode compreender essa realidade verdadeira e paradoxal.<sup>11</sup>

“Somente a fé pode compreender essa realidade verdadeira e paradoxal”. Quando Cristo estava morrendo na cruz, a explicação razoável para o fato é que ele seria mentiroso e fracassado. A verdade é que sua magnífica derrota vingou todas as suas palavras e marcou a maior vitória de todos os tempos: a conquista do pecado e da morte. Quando Pilatos e Cristo ficaram frente a frente no dia do julgamento romano, a explicação razoável seria que Pilatos estava no controle e aquele judeu preso estava à mercê de Roma. A cruz me diz, contudo,

que as coisas não são o que parecem ser. Na perspectiva da cruz, a realidade é que Cristo estava no controle dos eventos da Sexta-feira Santa, que Pilatos foi conduzido pela força de um Reino e um Rei que ele não conhecia.

Falando sobre os paradoxos de Lutero, Althus conclui: “Crer significa viver em contradição constante com a realidade empírica e confiar no que não pode ser visto”.<sup>12</sup> Quando Deus me humilha, a realidade da cruz me faz concluir que ele me exaltará. Por quê? Porque o princípio do paradoxo da cruz reflete a maneira como Deus estruturou toda a realidade. A morte conduzirá à vida. A sepultura se torna um lugar de esperança. O estado atual das coisas será transformado em uma oposição preordenada por Deus. O primeiro será o último e o último, o primeiro. “A fé deve resistir ao ser contrariada pela razão e pela experiência”, mas, se persistir, poderá “romper a realidade deste mundo ao fixar seus olhos na palavra da promessa.”<sup>13</sup>

### **O paradoxo da dor**

Uma razão, diz Lutero, pela qual as pessoas querem uma teologia da glória, ao invés de uma teologia da cruz, é que “eles odeiam a cruz e o sofrimento”.<sup>14</sup> Mas, à luz da cruz, o sofrimento serve a um propósito importante: o cultivo da autonegação. “É impossível para um homem não ficar orgulhoso com as suas próprias boas obras, a menos que a experiência do sofrimento e do mal tenha retirado previamente todo o espírito de seu interior e o quebrantado, ensinando que ele não é nada e suas obras não pertencem a ele, mas a Deus”.<sup>15</sup>

O caminho para o Domingo de Páscoa passa pela Sexta-feira da Paixão. Ela nos exalta quando nos humilha. Ela nos esvazia de nossa autoconfiança para que possamos ter confiança em Deus. Ela destrói nossa língua orgulhosa para que possamos nos orgulhar ainda mais de Cristo. Alister McGrath explica:

O homem é humilhado quando experimenta a ira de Deus, sendo forçado a admitir que não pode, por si mesmo, ficar na



presença de Deus — assim, ele se volta para Deus em sua desesperança e impotência, mas ao fazer isso é justificado. Paradoxalmente, acaba sendo pela ira de Deus que a misericórdia opera, para que o homem não busque essa misericórdia a menos que saiba o quanto necessita dela.<sup>16</sup>

Mas o que dizer do sofrimento como parte da vida cristã? Por que Deus nos faz passar por circunstâncias dolorosas e humilhantes após sermos justificados? A resposta é que o padrão da cruz se torna o padrão de toda a minha jornada cristã. A experiência de aparente abandono por parte de Deus e o desespero que a acompanha será seguida pela surpresa da graça e pela renovação. McGrath comenta:

Enquanto a Sexta-feira Santa dá lugar ao Domingo de Páscoa, a experiência da ausência de Deus começa a assumir um novo significado. Onde Deus estava? Enquanto as testemunhas da crucificação viam a Jesus com arrogância, olhando para os céus à espera de um livramento, elas não viram sinal algum de Deus e presumiram que ele estava ausente [...] A presença de Deus era despercebida, foi menosprezada e ignorada, porque Deus escolheu estar presente onde ninguém esperava encontrá-lo: no sofrimento, na vergonha, na humilhação, na fraqueza e na loucura da cruz de Jesus Cristo.<sup>17</sup>

Deus escolhe continuar presente com seus filhos de maneiras inesperadas. Do mesmo modo como ele estava presente no Cristo sofredor, a presença de Deus em nosso julgamento não é visível a menos que vejamos a sua presença dentro de nossa fraqueza e dor.

Por que ele faz isso? Por que ele não faz com que as nossas vidas sejam fáceis e livres de problemas? A resposta de Lutero seria olhar para a cruz. Deus opera nas vidas das pessoas que ele ama como seus filhos — seja ele Cristo, seu Filho Unigênito, ou a nós, seus filhos adotados — humilhando-os para poder exaltá-los. O padrão da vida

cristã, expresso ao longo dos Evangelhos e resumido em Filipenses 2:1-11, é o padrão da humilhação e da exaltação. Esse também é o padrão de Deus para nós.

Quando nossas histórias começam a se conformar com a história de Cristo, precisamos responder exercitando nossa fé. “A razão se escandaliza com a cruz, mas a fé a abraça com alegria”.<sup>18</sup> Confiar que o Deus que nos leva para uma Sexta-feira Santa de dor, rejeição e derrota também nos levará para um Domingo de Páscoa de vitória e contentamento assegura bênção e libertação. A descrença que ignora o significado da dor também ignorará a experiência da exaltação. O mistério de Romanos 8:17 é revelado pela teologia da cruz desta maneira: “Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados”.

### **O paradoxo da verdade**

A teologia da cruz transformou de tal maneira o pensamento de Lutero sobre Deus, salvação, realidade e sofrimento que ele declarou: “Somente a cruz é a nossa teologia”.<sup>19</sup> Essa declaração dramática parece ser um claro exagero. Afinal, existem tantas outras doutrinas na teologia (Deus, a Criação, a humanidade, o pecado, a Igreja, as últimas coisas) além da doutrina da cruz. O que Lutero estava querendo dizer?

Lutero propõe que a cruz deve mudar a maneira como vemos cada doutrina. Como a cruz pode fazer isso? A cruz nos diz que a revelação do próprio Deus como Criador, Sustentador e Juiz deve ser entendida de uma nova maneira por causa da obra realizada da cruz. Em todas as outras obras de Deus, como a criação e a providência, Deus revela a si mesmo como alguém infinitamente poderoso. Mas na cruz ele se mostra aparentemente fraco, contradizendo, assim, toda a nossa teologia.

Uma reflexão mais aprofundada sobre a cruz contradiz toda doutrina que temos em um sentido particular: a conclusão de que o

poder de Deus é revelado diretamente pelas suas ações. A doutrina da criação revela o poder de Deus para fazer as coisas. A doutrina da escatologia revela o poder de Deus para julgar e transformar. Mas a cruz nos mostra algo mais profundo sobre a maneira como Deus revela a verdade sobre si mesmo. A obra da cruz apresenta indiretamente como Deus trabalha. Deus, em suma, evidencia o seu poder por meio da fraqueza aparente. E mostra melhor a sua sabedoria através da loucura aparente. A plenitude de sua divindade revelou-se paradoxalmente, segundo Colossenses 1:19, na fragilidade da encarnação de Cristo. Deus se revela melhor onde ele está mais oculto.

A cruz é a chave hermenêutica que abre novas dimensões e corrige nossa compreensão em todas as áreas da teologia. Explicando o pensamento de Lutero, Althaus escreve:

Toda a verdadeira teologia é a “sabedoria da cruz”; isso significa que a cruz de Cristo é o padrão para medir todo o conhecimento teológico genuíno, seja a realidade de Deus, de sua graça, de sua salvação, da vida cristã ou da Igreja de Cristo. A cruz significa que todas essas realidades estão escondidas. A cruz esconde o próprio Deus. Pois ela não revela a força, mas a impotência de Deus. O poder de Deus não aparece de forma direta, mas paradoxalmente, aparentando impotência e solidão.<sup>20</sup>

Portanto, quando os críticos atacam a “mente limitada” dos evangélicos, que insistem em afirmar que somente Jesus é o caminho da salvação neste mundo pluralista, ou em defender a autoridade suprema da Bíblia em um mundo em que muitas autoridades competem entre si, a cruz nos ajuda a reconhecer que Deus não opera como poderíamos esperar. Deus não oferece a verdade salvadora na natureza, da qual podemos esperar que venha uma Palavra universal. Ele a sussurra para o mundo de um modo totalmente surpreendente e escandaloso, por meio da cruz de Cristo. Toda a nossa teologia precisa ser reinterpretada à luz da cruz porque, no fundo, a verdadeira teologia é a teologia da cruz.

## O paradoxo do ministério

Nada é mais poderoso no ministério da Igreja do que a fraqueza. A crise teológica de Lutero aconteceu pela primeira vez durante uma crise ministerial. Ele não conseguia ensinar nada para os outros nem encontrar a paz e a segurança da salvação para si mesmo dentro das tradições da Igreja. A Reforma Protestante foi o resultado da tentativa de Lutero para consertar o ministério da Igreja em todos os seus níveis. O mais impressionante na vida do jovem Lutero (embora tenha ficado mais negativo com o passar dos anos) é que ele nunca desistiu da Igreja. Sua teologia da cruz ajuda a explicar o porquê.

“A Igreja”, admitiu Lutero, “pereceria diante dos nossos olhos, e nós junto com ela [...] se não fosse por aquele outro homem [Jesus] que obviamente ainda sustenta a Igreja e a nós”. O Cristo morto e ressurreto está trabalhando em meio à fraqueza da Igreja, preparando para mostrar a sua força. De modo similar, o Cristo morto e ressurreto “julga a Igreja onde ela se tornou orgulhosa e triunfante, ou segura e presunçosa, e a chama para voltar ao pé da cruz, onde lembra da maneira misteriosa e secreta que Deus trabalha no mundo”.<sup>21</sup> McGrath explica esse paradoxo final:

Na cena de delírio total, de aparente fraqueza e loucura, no Calvário está o paradigma teológico para compreendermos a presença e a atividade ocultas de Deus neste mundo e em sua Igreja. Onde a Igreja reconhece a sua desesperança e impotência, ali descobre a chave para a continuação de sua existência como Igreja de Deus no mundo. Em sua fraqueza reside a sua maior força. O “Deus crucificado e oculto” é o Deus cuja força está por trás da aparente fraqueza, e cuja sabedoria se esconde por trás da aparente loucura. A teologia da cruz é, portanto, no passado e no presente, uma teologia de esperança para os desesperados, da aparente fraqueza e loucura da Igreja cristã.<sup>22</sup>

Quando a Igreja perder quase tudo e decidir acreditar radicalmente que o Evangelho da cruz de Cristo continua sendo seu maior tesouro e esperança de sucesso futuro, Deus a exaltará. Mas quando a Igreja perde a sua cruz, trocando-a pelo aplauso desta era ou a medida de sucesso deste mundo, acaba se deparando com um futuro pouco promissor. As triunfantes igrejas liberais das décadas de 1950 e 1960 se tornaram as igrejas decadentes da década de 1990. As igrejas evangélicas e carismáticas culturalmente periféricas, mas que mantiveram os olhos na cruz durante as décadas de 1950 e 1960, se tornaram as megagregas da década de 1990. Deus opera em sua Igreja usando opostos. A cruz de Cristo nos ajuda a ver isso.

### **A teologia da cruz e nossas decisões**

O chamado “ano silencioso” de Lutero, 1518, na verdade foi de fundamental importância. Como uma estrela brilhante, a teologia da cruz de Lutero apontava o caminho para a Igreja atordoada e os cristãos desorientados em um mundo pós-moderno. Mas como os líderes podem traduzir essa grande lição de Lutero em decisões adequadas? Vamos analisar algumas decisões possíveis que podem liberar o poder da cruz em nossas igrejas, famílias ou organizações.

*Uso nº 1: A cruz e a pregação.* Quando falo em “pregar a cruz”, não quero dizer que deveríamos pregar apenas sermões evangelísticos. O que precisamos é colocar a perspectiva da cruz em tudo o que pregamos. William Willimon, capelão da Universidade Duke, escreveu sobre a pregação para congregações de pessoas consumistas que parecem desejar mais o entretenimento do que a iluminação. É fácil para os pregadores cometerem um ou dois enganos ao falar diante desse tipo de congregação. Um dos enganos aparece quando pregam para essa mentalidade consumista os sermões de “alto-astral”, que evitam as verdades bíblicas. O segundo engano reside na desistência. Podemos desenvolver uma atitude do tipo “meu povo não se importa com o Evangelho, ele só quer ser entretido”.<sup>23</sup> É impressionante o que Willimon descobriu sobre como podemos derrotar a mentalidade consumista:

Minha prioridade, então, é pregar um sermão que fale sobre o Evangelho, não um discurso que explore as experiências das pessoas. Nas admiráveis tentativas de serem relevantes, escuto muitos sermões que misturam soluções terapêuticas com “princípios” bíblicos, em que a Bíblia acaba soando como a última tendência da psicologia popular.<sup>24</sup>

O que precisamos em nossas igrejas é falar “sobre Jesus Cristo e o que ele fez por nós, e o que ele nos chama para fazer por ele e um pelo outro”.<sup>25</sup> Quando levantamos a cruz a cada semana como o único caminho para a salvação e única maneira de ver, transformamos nosso público em uma igreja e os consumistas em comprometidos. Conforme escreveu David Wells: “A Igreja é chamada para anunciar a mensagem da cruz, não para encobrir os propósitos ocultos de Deus no mundo ou os segredos de sua terapia interior”.<sup>26</sup> Devemos trazer as pessoas para baixo da cruz, e somente então poderemos enviá-las para o mundo.

*Uso n° 2: A cruz e o conhecimento teológico.* Se a teologia geralmente for desprezada em nossas igrejas e organizações, o mesmo ocorrerá com a teologia da cruz. Contudo, se incentivarmos a necessidade de nosso povo por doutrina, a teologia da cruz se propagará.

George Barna descreveu a “teologia do típico americano” como “nada menos do que assustadora”. Qual o problema?

A falta de um conhecimento preciso sobre a Palavra de Deus, seus princípios de vida e a aparente ausência de influência da Igreja sobre o pensamento e o comportamento desta nação compõem um despertar abrupto para os que presumem estarmos em meio a um avivamento espiritual.<sup>27</sup>

Esse desvio teológico também ocorre em meio aos evangélicos. Denominações que antigamente eram conhecidas pela sua defesa da fé agora falam apenas sobre “fazer o *marketing*” de suas igrejas e “organizar a vida das pessoas”. No entanto, “valorizar a teologia”,

argumenta David Wells, “é valorizar o meio pelo qual a Igreja pode se tornar mais fiel e mais eficaz neste mundo”.<sup>28</sup>

Felizmente, as estruturas para que essa renovação teológica ocorra já estão estabelecidas. As classes de escola bíblica dominical e as reuniões em grupos pequenos no meio da semana são comuns. Existe abundância de material bíblico bem preparado que poderia ser estudado nesse tipo de encontro. Talvez *A Cruz de Cristo*\*, de John Stott, seja um bom lugar para começar. Novos métodos estão fazendo com que o estudo teológico seja mais acessível para um número maior de pessoas. É o caso da teologia das narrativas, que utiliza a técnica de recontar as histórias bíblicas para comunicar verdades teológicas.<sup>29</sup>

Quando a teologia fizer a diferença, a teologia da cruz fará uma diferença ainda maior. Os líderes sábios devem ter sempre em mente o alerta de Lutero de que a teologia da glória causará mais mal do que bem. Assim, darão passos práticos para o aumento do nível de conhecimento teológico de sua congregação.

*Uso n° 3: A cruz e o culto.* O que as pessoas precisam quando estão sentadas nos bancos da igreja, em um domingo, às 11 horas da manhã? Algumas estão cheias de tédio, a maioria procura porém algum tipo de contato com Deus, embora muitas já tenham desistido de esperar por isso. O que se pode oferecer a elas não é somente uma mensagem de “alto-astral”, dizendo que “tudo vai dar certo”. É possível lembrar-lhes do que aconteceu no final de semana mais importante da história, que mudou para sempre as esperanças de futuro dos pecadores.

Quando a cruz é levantada com orações de confissão, hinos e músicas de louvor, sermões encharcados de Cristo e outros elementos que olham para a vida com a perspectiva da grandeza que a cruz representa, acontece algo diferente com as pessoas. As realidades da Sexta-feira da Paixão que todos estão vivendo se transformam em possibilidades de manhãs de Páscoa, que poucos ousavam esperar. “Não há situações desesperadoras”, escreveu Winifred Newman,

\* Editora Vida.

“apenas pessoas que já não têm mais esperança”. A adoração centrada na cruz transforma as pessoas sem esperança em adoradores confiantes. Optar por colocar isso em prática é uma oportunidade que não se pode desperdiçar.

*Uso n° 4: A cruz e o convívio com as pessoas.* Em determinados momentos, as pessoas me frustram, porque nem sempre querem o mesmo que eu. Amigos me decepcionam, filhos arraigados às suas próprias idéias, alunos desatentos que às vezes não acompanham meus ensinamentos. Em outras ocasiões, tenho a tentação de desistir de certas pessoas, considerando-as incorrigíveis, casos perdidos. Mas Deus não me deixa fazer isso. A cruz me lembra de que as frustrações da Sexta-feira da Paixão estavam conquistando uma vitória secreta, que somente seria revelada na manhã do Domingo de Páscoa.

Deus pode fazer grandes coisas por meio de um aluno indisciplinado, uma criança teimosa ou um amigo insensível. Ele pode fazer algo maravilhoso nas vidas dessas pessoas e usar o que, aos meus olhos, é “fraco e louco” para confundir os sábios. A cruz me lembra de que *eu* era “fraco e louco” aos olhos de Deus, e mesmo assim o Senhor me escolheu para fazer algo para ele. A cruz me faz ser proativo e opera contra minhas tendências reativas de desistir dos seres humanos. Tome a decisão de olhar para as pessoas problemáticas de sua igreja ou organização com novos olhos, lembrando da cruz.

*Uso n° 5: A cruz e a realidade objetiva.* Os líderes de organizações cristãs podem pensar de que maneira a cruz se relaciona com o levantamento de fundos e as realidades práticas da administração de uma organização cristã. É verdade que *marketing*, promoções, administração ao estilo dos negócios e boa mordomia são elementos necessários se desejamos ser eficazes nesses tempos competitivos. Mas cada um desses recursos deve ser analisado pela perspectiva da cruz.

Muitas organizações cristãs americanas foram atingidas pela falência de uma organização filantrópica chamada *New Era* em 1995. Milhões de dólares foram perdidos. Muitas organizações e igrejas cristãs ficaram abaladas.



Líderes de algumas dessas organizações se preocuparam com a recuperação dos prejuízos. Pessoas foram demitidas; programas cortados. Ministérios se enfraqueceram. Outros se concentraram no padrão estabelecido pela cruz e viram nessa experiência de perda financeira uma oportunidade para exercitar a fé. Eles acreditaram que as experiências do tipo “Sexta-feira da Paixão” podem ser ocasiões para vitórias secretas, embora pareçam derrotas para o mundo. A fé exercitada acabou sendo recompensada, e algumas organizações saíram do desastre da *New Era* com sua energia, visão e força renovadas. A decisão de filtrar a realidade objetiva pela perspectiva da cruz foi um fator importante em sua renovação.

Quando surgem crises ou restrições financeiras, temos a oportunidade de experimentar vitórias secretas. Mas os líderes devem decidir que exercitarão a fé em meio aos eventos desanimadores e esperar que Deus ajuste a nossa realidade presente às realidades supremas da cruz.

*Uso n° 6: A cruz e a justiça social.* Muitas igrejas, famílias e organizações preocupam-se com a justiça social em suas comunidades e nações. Como a perspectiva da cruz pode nos ajudar a tomar boas decisões nessa área? Em uma entrevista, o bispo Desmond Tutu revelou como o padrão da cruz capacitou os cristãos a lutar contra o *apartheid* na África do Sul. Perguntaram a Tutu, ganhador do Prêmio Nobel da Paz pelos seus esforços em promover a igualdade étnica, como a sua organização pobre, com pouco pessoal e recursos esparsos, o Conselho Sul-africano de Igrejas, foi capaz de sustentar durante décadas a sua luta não violenta contra a injustiça. Foi o marxismo? O capitalismo? O humanismo? Sua resposta: “A cruz”. Ele declarou: “A Bíblia capacita uma pessoa a responder” que Deus “está sempre do lado do fraco, do pequeno, do que tem pouca importância”. Por isso, “não importa qual seja o caso agora, por mais poderoso que o governo possa ser militarmente e de todas as outras maneiras, tenha certeza de que a vitória será nossa”. A crença de Tutu, segundo a qual a cruz revelava estar Deus do lado dos fracos do mundo, o capacitou a dizer ao governo: “Você perdeu. Você pode ser poderoso agora, mas isso não diz nada sobre o resultado final”.<sup>30</sup>

A decisão de basear a sua campanha contra o *apartheid* na teologia da cruz e o que ela ensinava sobre Deus gerou um espírito indomável, que sustentou o movimento sul-africano pelos direitos civis durante décadas desanimadoras, até que acabou triunfando, no início da década de 1990.

### Penhascos e portais

Lembro de uma complicada viagem de canoa que fiz há muitos anos com meu cunhado, John. Nós separamos uma semana de nossas férias para atravessar de canoa o trecho que ia do norte de Ontário até a baía Hudson. Dormimos em acampamentos desconfortáveis, tivemos a canoa inundada, descemos corredeiras difíceis e percorremos longos trajetos levando a canoa por terra. Porém, o episódio mais bizarro dessa viagem ocorreu quando perdemos o rio. Como você pode perder o rio quando está remando dentro dele? Fácil. Em um certo ponto, o rio fora inundado por uma represa e se transformou em um lago imenso. Acabamos perdendo a correnteza. Estávamos perdidos.

Depois de ficar dois dias remando de um lado para outro no lago, estudando o mapa e consultando nossa bússola, concluimos que o rio devia retomar o seu curso em um canto distante de uma determinada baía. Embora olhássemos para as margens, não encontrávamos uma saída. Tudo o que conseguíamos ver era um penhasco alto, se erguendo sobre nós como uma fortaleza. De onde estávamos, era impossível divisar uma saída para o rio.

Decidimos insistir. Fomos nos aproximando do penhasco e, quando demos a volta, para nossa surpresa, avistamos uma passagem estreita, que margeava a rocha e conduzia a uma continuação do rio do outro lado. Aquele penhasco, antes uma barreira para nossa jornada, em verdade se transformou num portal que possibilitou a continuação de nossa viagem.

Acredito que a cruz seja como aquele penhasco. A princípio, ela não parece guardar os segredos de uma jornada pela vida. Ela se mostra até

insignificante para muitos de nossos planos e necessidades. Contudo, ao explorá-la mais de perto, nos é revelado um extraordinário paradoxo. Essa barreira pouco promissora na verdade se torna um portal para o crescimento e o progresso em todas as áreas da vida.

Quando John e eu terminamos nossa viagem de canoa, chegamos ao final do rio na cidade canadense de Moosenee. Então, tomamos o trem da Polar Bear Express, que nos levou de volta àquelas partes do rio por nós percorrido. Aquela viagem de canoa que fizemos agora parecia fácil. As correntezas, os longos trajetos carregando a canoa na mão onde o leito estava muito raso, os acampamentos de chão irregular, tudo ficara para trás.

Embora esses fatos fizessem parte do passado, lá fora, no meio da imensidão escura, existia um pequeno fio de água que fizera nossa viagem de volta para a civilização parecer mais um triunfo do que uma derrota. Explorar aquela passagem improvável foi a melhor decisão tomada durante nossa viagem. Assim como as estradas divergentes de Robert Frost, aquela decisão fez toda a diferença.

## QUESTÕES PARA DEBATE

---

1. Um texto-chave para a teologia da cruz de Lutero é 1 Coríntios 1:18-31. Quantos paradoxos você consegue identificar nessa passagem? Como a cruz gera esses paradoxos?
2. Qual dos seis paradoxos de Lutero é o mais relevante para você e sua igreja neste momento? Por quê?
3. Quais das seis aplicações podem ser as mais proveitosas para a sua igreja neste momento? Por quê?

## LEITURAS COMPLEMENTARES

---

Se você deseja conhecer melhor a vida de Lutero, veja *Martin Lutero, Tempo, Vida e Mensagem*, de Marc Linhard e *Lutero*, de Albert Greiner (ambos da Editora Sinodal). Além disso, a maioria dos escritos de Lutero foi reunida em uma série de oito volumes chamada *Obras Seleccionadas de Martinho Lutero* (Editora Sinodal).

Sobre a teologia de Lutero, consulte *A Teologia da Cruz de Lutero*, de Walter Von Loewenich, *Temas da Teologia de Lutero*, de Helmar Junghans (ambos da Editora Sinodal) ou ainda *Teologia dos Reformadores*, de Timothy George (Edições Vida Nova).